

SOCIALISMO CON OLOR A EMPANADAS Y VINO TINTO: MEMÓRIAS RADIOFÔNICAS DA DERRUBADA DE SALVADOR ALLENDE

SOCIALISMO CON OLOR A EMPANADAS Y VINO TINTO: MEMORIAS DE RADIO DEL DERROCAMIENTO DE SALVADOR ALLENDE

SOCIALISM WITH THE SMELL OF EMPANADAS AND RED WINE: RADIO MEMORIES OF THE OVERTHROW OF SALVADOR ALLENDE

Mônica Rebecca Ferrari Nunes

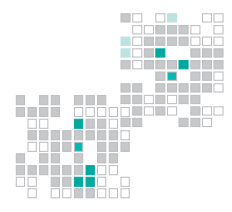
■ Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo. Seus trabalhos mais importantes são: "A memória na mídia" (2001) e "Cosplay, Steampunk e Medievalismo" (2017).

■ E-mail: monicarfnunes@espm.br

Marco Antonio Bin

■ Doutor em Ciências Sociais (Sociologia) pela PUC de São Paulo. Seus trabalhos mais importantes são: "São Paulo e memórias do futuro" (2019) e "'O espaço segregado e a cultura das margens em São Paulo".

■ E-mail: marcobin@gmail.com



RESUMO

Este artigo traz os acontecimentos do 11 de setembro de 1973, data do golpe militar no Chile, a partir de relatos radiofônicos transmitidos neste dia por várias emissoras, recuperados e editados pelo programa *Sintoniza con la memoria*, produzido pelo *Museo de La Memoria y los Derechos Humanos* do Chile em 2018. Objetiva-se rememorar tais acontecimentos articulando-os à comunicação e à memória. Pesquisa documental e bibliográfica sobre História do Rádio, Teorias da Memória e Teoria Política compõem a metodologia. Quer-se demonstrar como a memória é o liame da vida social e fundamental para a compreensão dos processos históricos.

PALAVRAS-CHAVE: MEMÓRIA; RÁDIO; COMUNICAÇÃO; POLÍTICA CHILENA.

ABSTRACT

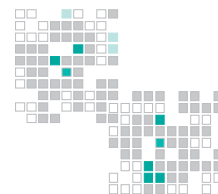
This article features the events of September 11, 1973, the date of the military coup in Chile, from radio reports broadcast on the day by various broadcasters, retrieved and edited by the program *Tuning with Memory*, produced by the Chilean Museum of Memory and Human Rights in 2018. The aim is to recall such events by articulating them with communication and memory. Documentary and bibliographical research on Radio History, Memory Theories and Political Theory make up the methodology. It is intended to demonstrate how memory is the link between social life and fundamental to the understanding of historical processes.

KEYWORDS: MEMORY; RADIO; COMMUNICATION; CHILEAN POLITICS.

RESUMEN

Este artículo presenta los eventos del 11 de septiembre de 1973, la fecha del golpe militar en Chile, a partir de informes de radio transmitidos en este día por varias emisoras, recuperados y editados por el programa *Sintoniza con la memoria*, producido por el *Museo de La Memoria y los Derechos Humanos* de Chile en 2018. El objetivo es recordar estos eventos articulándolos con comunicación y memoria. La investigación documental y bibliográfica sobre Historia del Radio, Teorías de la Memoria y Teoría Política conforman la metodología trabajada. Su objetivo es demostrar cómo la memoria es el vínculo en la vida social y fundamental para la comprensión de los procesos históricos.

PALABRAS-CLAVE: MEMORIA; RADIO; COMUNICACIÓN; POLÍTICA CHILENA.



Introdução

Em 11 de setembro de 1973, inúmeras rádios chilenas transmitiram desde a manhã uma série de pronunciamentos de Salvador Allende, dos integrantes da Unidade Popular (UP)¹, diretamente do Palácio de La Moneda às emisoras que integravam a rede *La Voz de La Patria* – uma forma de coordenação radiofônica composta pelas rádios Corporación, Portales, Nacional, Luis Emilio Recabarren, Candelaria y Magallanes,² posteriormente, as emissões dos militares da oposição informando através da rede de radiodifusão das Forças Armadas (Campos, 2016) o andamento do que se substanciaria como golpe de Estado.

Por ocasião do 45º aniversário do golpe, em 2018, o Museo de la Memoria y los Derechos Humanos do Chile editou estas emissões e produziu, com auxílio da agência Wolf BCPP, o programa *Sintoniza con la Memoria*. O programa soma 10 horas de duração, fora apresentado pela Rádio Santiago AM e se encontra também disponível no facebook do Museu assim como na plataforma youtube.³ Premiado com o Leão de Bronze no Festival de Cannes 2019, na categoria Inovação em Rádio e Áudio, *Sintoniza con la Memoria* apresenta uma galeria acústica em tempo real que reconstrói o sucedido por meio dos áudios recuperados da época que integram a coleção do Museu.

Este artigo tem como título a metáfora citada pelo próprio Allende sobre a proposta da Unidade Popular, o caminho ao socialismo em democracia, pluralismo e liberdade, ou, a pro-

posição da via chilena ao socialismo, “con olor a empanadas y vino tinto” (Badilla, 1990; Bandeira, 2008). O trabalho que se vale do programa *Sintoniza...* como objeto empírico, analisa os acontecimentos históricos e midiáticos relacionados ao golpe de estado no Chile contra o governo de Salvador Allende e desenvolve a pesquisa em dois eixos teórico-metodológicos. O primeiro, retoma as narrativas radiofônicas ocorridas no calor dos embates, ao longo da jornada do dia 11 de setembro de 1973, produzidas pelos dois lados que estiveram em confronto, aqui recuperados em sua maior parte pelo programa *Sintoniza...*, e pesquisa outros materiais midiáticos, como o vídeo *Operación Silencio*, produzido pela rádio Tierra em 2013, e o documentário de Patricio Guzmán, *Batalla de Chile* (2007). Nos dois primeiros casos, trata-se de um conjunto de narrativas sonoras que realizam a crônica do golpe ao longo de aproximadamente 10 horas, da primeira transmissão de Allende pelo microfone da rádio Corporación, por volta das 8 horas da manhã, até o juramento da Junta Militar instituída pós-golpe, às 18 horas do mesmo dia. O segundo caso refere-se ao audiovisual que realiza uma crônica multifacetada dos três anos do governo Allende, da sua posse à sua deposição.

O segundo eixo da metodologia baseia-se em pesquisa documental, a partir das obras de autores que testemunharam e investigaram a política chilena no período do governo de Salvador Allende e dos partidos que deram apoio à Unidade Popular (Garcés, 1993; Bandeira, 2008; Verdugo, 2003), bem como artigos publicados em dossiês jornalísticos (Badilla, 1990; Kuncar, 1990, Camus, 1990); Pino; Talavera, 1997. Foram igualmente discutidos autores do campo da memória social e cultural (Ricoeur, 2007, 2019); Gondar e Dodebei (2005); Halbwachs (1990), Nunes (2001; 2009), da história social (Le Goff, 1992) e da história do rádio chileno Aravena (2008) e Mönckeberg (2009).

1 Unidade Popular, coalizão de partidos de esquerda formada para as eleições de setembro de 1970, integrada pelo Partido Socialista, Partido Comunista, Partido Radical, Partido Social Democrata e o Movimento de ação popular unitária (MAPU).

2 Informação disponível em <https://ww3.museodelamemoria.cl/Informe/la-radio-y-el-golpe/> Acesso em 8 out. 2019.

3 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=irnxPpoIO4A> Acesso em 09 out. 2019. Também disponível em <https://sintoniza.museodelamemoria.cl/> Acesso em 09 out. 2019.

1. Voz-memória e palavras-lembranças no rádio

As audições de *Sintoniza...* evidenciam como os meios de comunicação narram a história e mostram o que a memória tecida nestes processos de mediação, isto é, a memória midiática, pode adensar. Não são somente as camadas sociais e políticas do acontecimento narrado – o dia 11 de setembro – que ganham relevo na curva sinusoidal traçada pelas culturas fazendo ressoar o que lembram e esquecem (Lotman, 1996). No trabalho com a memória social, midiática e afetiva realizado pela produção deste documentário sonoro, destacam-se sobretudo a sensorialidade e a presença arrancadas ao passado daquele episódio. E, talvez, este efeito de sentido seja possível ou redimensionado por se tratar de uma reconstituição cuja materialidade sígnica é radiofônica, isto é, vocal e auditiva.

A dimensão afetual do rádio não é desconhecida tampouco simples. Do tambor tribal, metaforizado em McLuhan (1964), às atuais teorias do rádio que o nomeiam como hipermidiático (Lopez, 2010), graças à mobilização de ferramentas e ao uso de estratégias provindas das linguagens digitais, ou rádio expandido, considerando o transbordamento de seus conteúdos e sua circulação para além das ondas hertzianas, como alerta Kischinhevsky (2012), as sutilezas do som continuam a durar no tempo histórico afetando ouvintes-internautas, sujeitos da escuta destes significantes sinestésicos: o áudio e, conseqüentemente, a voz.

O áudio, no rádio hipermidiático, conserva-se como “ferramenta central de transmissão de informações”, afirma Lopez (2010, p. 120), e, supomos que mesmo digital, siga a vocação simbólica da qual nos conta o musicólogo Murray Schafer (1997) ao afirmar o rádio nas vozes invisíveis do vento, do trovão, dos deuses, ao mencionar sua existência antes de sua invenção. Na ancestralidade sonora do rádio habita também o pulsar afetual de uma voz.

Podemos, neste caso, dizer voz-mídia porque abordamos um fenômeno comunicacional, portanto de vinculação e mediação: a transmissão de um acontecimento socialmente dramático por meio de vozes e da memória. Ao reivindicar uma ciência da voz para pensar questões da oralidade – e entendemos o rádio como oralidade midiática (Nunes, 1999) – Paul Zumthor (1997) demonstra a anterioridade da voz quer nas formações culturais e religiosas, trazendo-nos imagens da voz criadora, quer na formação inconsciente, como inscrição erótica e protetora da voz materna de onde emanam palavras e sons que já banham o feto no útero, ampliados depois nos cuidados natais. À medida que se constitui o corpo como instrumento, a voz fará transitar a linguagem, e a palavra será sempre lembrança: “memória-em-ato de um contato inicial, na aurora de toda vida e cuja marca permanece em nós um tanto apagada, como a figura de uma promessa” (Zumthor, 1997, p.13). Esta palavra-lembrança pode preencher, simbólica e ilusoriamente, a memória de um antes perdido, ausente. A voz primordial torna-se voz-memória em contínua afetação a seus ouvintes.

Como texto de cultura⁴ midiático, o rádio carrega esta voz-memória apta a ser ressignificada em novos contextos. Deste modo escutamos *Sintoniza con la Memoria*, rádio expandido, acessado do site do Museu, do qual surgem vozes e palavras-lembranças a rerepresentarem Allende, jornalistas, a junta militar golpista. Rememoram a crueldade de um dia marcado pela perfídia, pela morte e pelo medo, dando início a um dos períodos mais violentos da história recente da América Latina: a ditadura instalada pelo general Augusto Pinochet.

4 Compreende-se texto de cultura na acepção de Iuri Lótman (1996), isto é, unidade de significação cultural que se faz no diálogo com outros textos tendo a propriedade de trazer a memória de textos anteriores e gerar novos.



2. Contexto radiofônico

Como texturas sonoras dignas de serem lembradas, isto é, memoráveis, estes depoimentos e sons tributam à *Sintoniza ...* a condição de documento/monumento co-memorativo. Ao reconhecer que todo documento é monumento, Le Goff (1992, p. 545) esclarece que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.” Podemos então compreender como documento/monumento a montagem operada pelo programa a partir de signos vindos com a memória: a presença sensorial da voz, ruídos, silêncios, interferências e palavras-lembranças contidas nos áudios. Editados, constituindo-se como narrativa radiofônica reconstroem, na superfície do tempo presente, o golpe de Estado de 1973.

Ao atentarmos à elaboração da abertura do programa, percebem-se acionamentos de múltiplas camadas da memória: coletiva e social (Halbwachs, 1990; Gondar; Dodebei, 2005) – donde se situa a memória midiática tramada por signos de afeto que se replicam, memes de afeto, como dissemos alhures (Nunes, 2001). Afetos como jogo de forças sobre o que é selecionado para integrar o patrimônio da memória midiática. Começamos pelas dimensões coletiva e social observadas na abertura.

Em 11 de setembro de 1973 grande parte dos chilenos acompanharam tudo o que ocorreu através do rádio. Hoje há 45 anos do golpe, Museu da Memória e Rádio Santiago apresentam: Sintonize com a Memória, uma galeria acústica que fará com que todo Chile volte a viver o 11 como realmente se viveu transmitindo durante todo o dia todos os fatos desta jornada e os mesmos horários em que sucederam (Sintoniza...2018, on line, tradução nossa).

A importância do rádio para a sociedade chilena fica posta com a afirmação de que grande

parte dela acompanhou o desenrolar do dia 11 de setembro por esta mídia, a primeira a informar o golpe em curso. A jornalista María Olivia Mönckeberg (2009) relata que até os anos de 1950 existiam cerca de 100 emissoras que transmitiam em AM. Narra que as concessões eram variadas: empresários, grupos políticos e sindicais, grupos católicos e laicos, pequenos e grandes.

Do mesmo modo, a historiadora Carla Aravena (2008) explica que desde a década de 1960 deu-se uma tendência progressiva rumo à democratização da comunicação no país de modo que “em 1973 se contava com um sistema de comunicação plural e aberto a todas as correntes de opinião” (Aravena, 2008, p.83). Parafrazeando Mönckeberg (2009): afirmar, naquele período, que a pluralidade reinava nas rádios era quase um axioma. O rádio se convertera em uma tribuna por excelência, fortalecendo a cultura política. Aravena descreve que todos os partidos e grupos políticos participaram de modo direto ou indireto do espaço radiofônico e elenca algumas emissoras que integravam *La Voz de La Patria* e suas respectivas vinculações: Radio Magallanes (Partido Comunista); Radio Corporación (Partido Socialista); Radio Portales, ligada aos simpatizantes do governo Allende; Radio Candelaria, ligado ao MAPU, Movimento de Ação Popular Unitária; Radio Luis Emilio Recaberren, da Central Única de Trabalhadores; Radio Nacional vinculada ao MIR, *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*.

A pesquisa da autora investiga a história da Rádio Cooperativa,⁵ ligada ao partido Democracia Cristã, contrário à política de Allende. Apesar de não se assumir como um veículo politizado, alguns programas de opinião desta emissora, como *A esta hora as mulheres também improvisam*, dirigido por Raquel Correa, Patricia Guzmán, María Eugenia Oyarzún e Silvia Pinto, faziam oposição à Unidade Popular.

5 Os caminhos tomados pela rádio Cooperativa escapam aos interesses deste artigo, por isso nos limitamos a pontuações mais gerais sobre emissoras radiofônicas na ocasião do golpe de Estado chileno.



A historiadora conclui que o rádio chileno reivindicou seu lugar social como formador de opinião pública e que o próprio espaço comunicacional se achava implicado no processo de politização do espaço público independentemente da questão partidária. Porém, a pluralidade política nos meios foi duramente abalada com o golpe de Estado que destruiu o “sistema democrático de comunicação que havia caracterizado o país por mais de cinquenta anos” (Aravena, 2008, p.84).

A abertura de *Sintoniza...* possibilita-nos retomar pontualmente a história do rádio no Chile para salientar seu poder de atuação, força política e vinculação social. O programa reafirma o valor da mídia radiofônica, quer nos idos de 1973, quando protagoniza o registro em tempo real da tomada do país e do Palácio de La Moneda pelos militares liderados por Pinochet, quer na atualidade, em que as emissões da Rádio Santiago, hipermidiática, expandem-se do AM para a web e colaboram para que *Sintoniza con la Memoria*, disponível na rede social facebook do Museu, na plataforma youtube, etc., permaneça de muitas maneiras na memória coletiva, social e pública das sociedades democráticas.

O programa pode gerar sentimentos de pertencimento, reestruturando o passado no cotidiano presente da escuta, promovendo como rememoração, “um retorno à consciência despertada de um acontecimento (...)” (Ricoeur, 2007, p. 73), a lembrança como resistência, tendo em vista uma sociedade que fora dividida e brutalmente atacada em suas liberdades civis e comunicacionais. Além do bombardeio de antenas e destruição de muitas emissoras radiofônicas tal como se passou no dia da derrocada de Allende, conforme veremos mais adiante, “os meios de comunicação se viram afetados por uma combinação de medidas como confiscos, restrições legais e repressão física a jornalistas e comunicadores” (Aravena, 2008, p.84). Vale esclarecer, segundo Mönckeborg (2009), que após o golpe, também eram

muitas as emissoras que estavam ao lado dos novos governantes e que os partidários do regime militar se alimentaram de importantes rádios e também televisões que ofereciam entretenimento para distrair a população.

Não à toa, há 45 anos do golpe, o Museu de La Memoria e Rádio Santiago assumem o dever de memória do qual nos fala Ricoeur (2019): “graças ao trabalho de memória, completado pelo de luto, cada um de nós tem o dever de não esquecer, mas de dizer o passado, de um modo pacífico, sem cólera, por muito doloroso que seja”. Lembrar para não esquecer e, dessa forma, prosseguir à anamnese necessária para dizer e tentar curar o passado, como faz *Sintoniza...* ainda que elidindo o fato de que é um documento/monumento fruto de um jogo de forças entre o que é escolhido para lembrar e esquecer. A abertura promete que o programa “fará com que todo Chile volte a viver o 11 como realmente se viveu” (*Sintoniza...* 2018, on line). Como documento da memória social, a escuta atenta de *Sintoniza...* mostra a memória como processo e não como reconstituição tal qual aconteceu. Resultado das perguntas que ainda sobrevivem na sociedade chilena sobre seu passado.

Para além de atuar como documento/monumento e comemoração pública, *Sintoniza...* ressalta o papel do rádio como testemunho e sua função de arquivo. Paul Ricoeur (2007, p. 156) ao falar sobre a operação historiográfica e sua relação com a memória, assevera que “tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho.” Reforça que o confronto entre testemunhos é ainda o melhor recurso para assegurar que algo aconteceu e que “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (Ricoeur, 2007, p. 170).

Neste caso, radialistas e rádio se confundem, arquivo e testemunho, considerando que o golpe militar pode primeiro ser escutado pelas transmissões em tempo real, depois visto e por fim lido.



As memórias de muitos jornalistas também estão implicadas nestes registros, como Campos (2016), jornalista que, pela janela da rádio Corporación, localizada ao lado do La Moneda, assistiu à destruição do Palácio e da antena de sua emissora.

Passamos, a seguir, os relatos radiofônicos de *Sintoniza...* articulados ao contexto político-histórico da época.

3. O começo do fim de um projeto político

Ao longo da manhã de 11 de setembro a sociedade chilena se dá conta dos desdobramentos da ação militar por uma sucessão de comunicados radiofônicos iniciados por volta das 8 horas da manhã. A primeira das cinco emissões do presidente Salvador Allende alerta, pela rádio Corporación, que um setor da marinha teria se sublevado e ocupado Valparaíso, no que se constituía em um levante contra um governo legitimamente constituído. Dá as primeiras instruções aos trabalhadores para que se mantenham atentos em seus postos de trabalho. Sua fala serena expõe o desgosto pela situação, mas revela alguma expectativa de que os militares cumpram com suas obrigações junto ao governo constitucional. Talvez a reversão do quadro golpista, como ocorrida dois meses e meio antes. Em 27 de junho de 1973 o coronel Souper Onfray, comandando o regimento Blindado nº 2, sublevou-se contra o governo de Allende, em um episódio denominado *Tancazo* ou *Tanquetazo*. O levantamento, contido pelo então ministro do exército Carlos Prats, foi um ensaio para o golpe de 11 de setembro. Todavia, as melhores perspectivas se dissipam rapidamente, por volta das 8 da manhã começam os informes denominados *bandos militares*, informes radiofônicos de esclarecimento à população, assinados pela Junta Militar e emitidos em períodos regulares ao longo do dia 11 de setembro de 1973 e que se estendem até pouco antes das 18h, quando a Junta Militar tomaria posse do governo.

Nessas transmissões militares, a cargo do tenen-

te coronel Roberto Guillard, os conteúdos foram relativamente curtos e com orientações ora aos integrantes do governo da Unidade Popular (UP), ora à população em geral, sempre firmadas pelos comandantes da junta militar. Por exemplo o *bando* nº 2 determinou que o palácio de La Moneda deveria ser evacuado antes das 11h da manhã, caso contrário seria atacado pelos Hawker Hunter da força aérea. No comunicado nº 3, adverte-se a população a não se deixar levar por eventuais incitações à violência, fosse por ativistas chilenos ou estrangeiros e o comunicado nº 5 acusa o governo Allende de haver incorrido em “grave ilegitimidade” demonstrada ao romper com os direitos fundamentais de liberdade de expressão, o que, como se veria em breve, seria um direito excluído da vida social chilena por longos 17 anos.

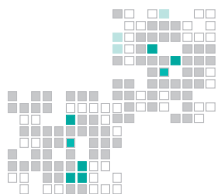
Quanto às emissoras que apoiam o governo da Unidade Popular e transmitem em rede⁶, os sinais de transmissão são interrompidos uma a uma, e por volta das 9h20, horário do último comunicado de Allende, apenas a rádio Magallanes está com suas torres transmitindo. Desde a noite anterior estava em andamento a Operação Silêncio⁷, onde piquetes militares tinham como o objetivo silenciar as radioemissoras leais ao governo da UP, reunidas na rede radiofônica La voz de La Patria. Todas as demais emissoras do país são forçadas a integrar a cadeia constituída pelas Forças Armadas, que inicialmente vai ao ar pelas ondas da rádio Agricultura⁸.

Ao contrário dos comunicados militares, cujos conteúdos expressam ultimatos e ameaças, os co-

6 Algumas das emissoras que apoiavam a Unidade Popular: Magallanes, Corporación, Portales, rádio de Universidad Técnica del Estado (UTE), Luis Emilio Recabarren, bem como a TV Nacional e o canal 9 da Universidade do Chile.

7 A Operação Silêncio integrou uma estratégia psicológica de propaganda bélica e fez parte do Plano Hercules, coordenado pelo tenente-coronel Roberto Guillard, como vimos, a voz oficial dos comunicados militares. Para mais informações, consultar <https://hemisphericinstitute.org/en/e-misferica-31/oquendovillar.html>, acesso em 10.10.2019.

8 Para mais informações, consultar <https://youtu.be/vHe2Q7WS5iA>, acesso em 10.10.2019.



municados de Allende e dos integrantes da UP trazem esclarecimentos da situação e carregam na esperança da resistência contra o golpe constitucional, sem, no entanto, definir procedimentos. Isso de alguma maneira está refletido no imobilismo das lideranças do governo. Pouco depois das derradeiras palavras de Allende, um locutor da rádio Magallanes faz uma longa alocução sobre a situação vigente, de maneira tão assertiva quanto imprecisa: “esta é rádio Magallanes (...) transmitindo com uma rede de emissoras patriotas, que estão resistindo ao golpe fascista de um setor das Forças Armadas e de partidos políticos que não souberam cumprir com o primeiro dever com a Pátria, respeitar a constituição”, e mais a diante, ao propor uma ação, deixa consignada a ausência de um plano definido: “chamamos os trabalhadores, *pobladores* [moradores das *callampas* ou comunidades carentes de Santiago], os estudantes, a defender o governo popular, a defender o presidente Allende, a rodear La Moneda para defender do golpe (...)” (Sintoniza..., 2018, tradução nossa).

O apelo contém a retórica romântica do voluntarismo que pretende abarcar no momento de crise as massas revolucionárias, concitando-as para a ação programada de resistência. Ocorre que não houve uma preparação efetiva para esse momento e a violência da iniciativa golpista não encontra resposta nos sindicatos, nos partidos políticos que dão sustentação ao governo, ou nos *cordones industriales*, órgãos coletivistas de poder popular definidos por agrupamento de empresas ou fábricas e dirigidos de maneira independente pela classe trabalhadora. Não havia um exército popular preparado para essa grave circunstância política. De acordo com Max Marambio, chefe do GAP⁹, “Allende nunca teve um critério de enfrentamento violento e nunca se dispôs a organi-

zar o povo como alternativa armada aos militares” (Bandeira, 2008, p. 40). Como contraponto, os comunicados militares emitidos em sequência na manhã de 11 de setembro eram explicitamente impositivos, coercitivos e ameaçadores na medida de desarmar psicologicamente, e nesse aspecto, em uma situação ainda indefinida, imobilizar a população. Assim, por exemplo, *o bando* n°7, em seu primeiro ponto, adverte “a todas as pessoas que estejam oferecendo resistência ao novo governo deverão ater-se às consequências”. A aplicação do castigo seria sumária.

4. *Enfoque 1: O socialismo chileno em seu labirinto*

Ao considerarmos o quadro cronológico desde a assunção do presidente Salvador Allende e da UP, as condições de governança sempre foram instáveis: após sua eleição em setembro de 1970, a movimentação golpista procura interditar sua posse, que se daria dois meses depois. A comoção nacional com o assassinato do general constitucionalista René Schneider se sobrepõe aos interesses dos grupos sediciosos e promove um efeito contrário, levando o congresso a aprovar a vitória de Allende por grande maioria. Vencedor no pleito popular com pouco mais de 36% dos votos, 1,3% a mais que o candidato do Partido Nacional, Jorge Alessandri, Salvador Allende foi referendado pelo Congresso por 153 votos a 35. Os primeiros meses da Unidade Popular no governo são relativamente bem-sucedidos, com a rápida nacionalização da economia e a distribuição de terras a pequenos proprietários; os problemas do segundo ano decorrem, de um lado, pelos desencontros entre os partidos de esquerda, muitas vezes em relação ao processo de tomada de terras, acelerado pelo MIR, Movimiento de Izquierda Revolucionária, e pela ala mais à esquerda do Partido Socialista, comandado pelo senador Carlos Altamirano, e de outro, pela ação cada vez mais vigorosa de movimentos de direita,

9 GAP, grupo de amigos personales, atuou durante o governo da UP como um serviço de segurança ao presidente Allende. Após o golpe de Estado, a maioria de seus integrantes foi assassinada, detida, aprisionada, desaparecida ou exilada.



como o *Patria y Libertad*, financiados pela CIA, que intensificou as *covert actions*¹⁰ ou *covert operations*, minando os avanços sociais.

Paralelamente a essas dificuldades, a Unidade Popular desde o início de seus 1000 dias no poder, dispõe de uma representação minoritária nas duas casas parlamentares, onde os projetos governistas são derrotados um a um, impedindo a aplicação de parte das propostas da UP, o que determinou a progressiva paralisação do país. A asfixia como fórmula do caos se prolonga ao longo do ano de 1973 e mesmo as tentativas de Allende em atrair os militares para formarem o gabinete de governo redundam em fracasso. Após as eleições de abril de 1973, onde o impasse legislativo permanece (as oposições, comandadas pela Democracia Cristã, esperavam vencer para apresentarem um pedido de impeachment), faz com que as elites, a CIA e uma parcela crescente de militares de alto posto, decidam pelo golpe militar.

De 27 de junho de 1973, quando ocorre o *Tanquetazo*, até 11 de setembro, o país estará virtualmente em clima de guerra civil e Allende apenas adia o que parece inevitável. Os atentados recrudescem, as mulheres dos generais saem para o pannelo nas ruas, assim como os partidos de esquerda, em suas multitudinárias passeatas. Ocorrerá uma com 800.000 pessoas em 4 de setembro, em apoio a Allende, cujas cenas noturnas podem ser vistas no documentário *A Batalha do Chile*, de Patricio Guzmán.

O filme está organizado na forma de uma trilogia: 1) “La insurrección de la burguesía” (1975), com aproximadamente 100 minutos; 2) “El golpe de Estado” (1976), com aproximadamente 90 minutos; 3) “El poder popular” (1979), com aproximadamente 82 minutos e foi filmado no calor dos acontecimentos, desde a vitória de Salvador Allende em setembro de 1970 até seus estertores, em setembro de 1973. Sua narrativa se estrutura

¹⁰ *Covert actions* foram ações encobertas, realizadas ou idealizadas pela CIA.

no acompanhamento de importantes momentos políticos, nas ruas, em assembleias nos cordões industriais, em votações no congresso. Um dos pontos altos, no que diz respeito à linguagem cinematográfica, é o sepultamento do ajudante de ordens de Allende, tenente da marinha, Arturo Ayala Peeters, ocorrido poucos meses antes do *alzamiento*. O cameraman, Jorge Müller, desvela os militares que estão reunidos no cemitério de Valparaíso, à espera do féretro. Quantos ali não se aproveitaram do evento para acertar as últimas arestas do golpe? Muller, que mais tarde seria assassinado pela ditadura, enquadra em *close*, movimentando a câmera sem pressa, sua lente percorrendo os rostos, as divisas, os gestos desses militares aparentemente tranquilos, enquanto ouvimos, ao fundo – e não é possível definir se se trata de um som diegético, ou seja, tomado no momento da ação filmica – a marcha fúnebre de Chopin.

São cerca de cinco minutos que impressionam por sua dialética – sobretudo vistos retrospectivamente – ao exprimir toda uma dinâmica em movimento a partir de um painel quase estático. A simbologia perversa do episódio se sobrepõe: afinal, que sepultamento se consagra diante dos olhos, o do tenente Peeters ou o do governo Allende? Mesmo não fazendo qualquer exercício interpretativo, ficamos com uma sucessão de imagens que transcendem o momento solene, nos revelando a partir do silêncio, o rosto da hipocrisia e da traição.

5. *Enfoque 2: transmissão do desfecho político.*

Retomamos com base nas transmissões radiofônicas o desenvolvimento dos acontecimentos na manhã de 11 de setembro, que se desdobram de modo irreversível, impregnados pela mobilidade sediciosa. A rádio Magallanes é retirada do ar por volta das 10h30, o que deixa inexoravelmente isolada a cúpula do governo da UP em La Moneda. A luta com seu caráter simbólico se restringe no entorno do palácio presidencial. São



11h56, agora é o relato de um repórter da rádio Balmaceda, localizado no 13º. andar do Hotel Carrera, e que registra o momento dramático do primeiro impacto de bomba sobre o palácio:

Aparece um avião caça a jato (Hawker Hunter)(...) vocês podem escutar o rugido da aeronave... vemos uma... o rugido continua pelo ar, não é possível ver as evoluções da aeronave... (breve silêncio na transmissão) desapareceu, não se escuta o motor, o rugido do caça que esteve por alguns segundos sobre a zona de La Moneda... (novamente um breve silêncio)... se escutam disparos... (inaudível pela aproximação de um caça)... agora o avião passou de forma rasante, dois... (ruído intenso de explosões)... começaram... começaram a bombardear La Moneda... nestes instantes se escuta o impacto, começaram a bombardear o palácio de La Moneda quando são dois minutos para as doze, ou seja, aproximadamente uns quarenta minutos depois de se haver cumprido o ultimato entregue pelos militares e desde aqui, por cima dos edifícios vemos uma coluna de fumaça (frase inaudível) aparentemente é a fumaça do impacto... começaram a bombardear La Moneda, repetimos, quando faltavam aproximadamente dois minutos e meio para o meio dia de 11 de setembro de 1973 (...) (Sintoniza..., 2018, tradução nossa).

No início da tarde prosseguem músicas marciais entremeadas pelos informes militares à população, transmitidos pela cadeia de emissoras sob a orientação da Junta Militar. Com a rendição dos integrantes da Unidade Popular que estão em La Moneda e com o suicídio de Salvador Allende, por volta das 14h30, surgem comunicados jornalísticos com o mesmo tom sóbrio das emissões militares, que descrevem o cenário de completo controle das Forças Armadas. A rádio Agricultura transmite um informe equivocado às 14h40 sobre a situação, “na capital foi necessário

atacar o palácio de La Moneda e a residência presidencial em Tomás Moro, obtendo-se finalmente a rendição do ex-presidente da República, que abandonou a casa do governo pela porta de Morandé 80 (...)” (Sintoniza... 2018, tradução nossa).

Nas rádios, após a morte de Allende, seguiram as bandas marciais, os infindáveis informes da Junta Militar e – o que se daria a conhecer apenas anos mais tarde - o tom triunfalista dos comunicados internos entre os militares. Dispostos em diversos pontos de comando, comunicavam-se por rádio sobre as decisões tomadas. No programa *Sintoniza con la Memoria* podemos acompanhar diversas interferências radiofônicas que mostram as falas dos chefes militares, que não poupavam comentários sarcásticos. Poucos minutos depois de saber da morte de Allende, a voz aguda de Pinochet ressoa por entre os comandantes sugerindo o que fazer com o corpo, “Que o enfie em um caixão e o embarquem em um avião, meu caro, junto com a família. Que façam o enterro em outro lugar. Em Cuba. Senão vai haver mais bola (atenção) para o enterro (...) O avião com o caixão e se manda enterrar em Cuba” (Sintoniza...,2018, tradução nossa).

O tom da fala é despachado, colocado com pouca paciência, ciente de que possuía o completo comando das ações. O comandante Palacios, responsável pela tomada de La Moneda, não esconde uma risada irônica e encaminha a conversa para o posto 2, para o general Leigh. A reunião para a posse da Junta está definida para às 18h e os comunicados giram em torno dos rescaldos da destruição de La Moneda e das obrigações da população sob a nova ordem militar. O rádio também transmite silêncio, o silêncio que emana das ruas. Às 17h20, um jornalista relata o que observa no centro de Santiago,

São cinco e vinte da tarde, em plena Plaza de Armas de Santiago, este é o silêncio sepulcral que reina na cidade e estes são os passos apresados de umas pessoas que se dirigem a seus



lares (silêncio marcado por passos). Começa a chover em Santiago. (Sintoniza... 2018, tradução nossa).

O silêncio sepulcral e a chuva como expressão do desconsolo. Não haverá mais tempo para nada, às 18h começa o toque de recolher e também a cerimônia de posse da Junta Militar, com narração radiofônica. A última fala, Augusto Pinochet, com sua semântica característica,

Después de 3 años de soportar el cáncer marxista que nos llevó a un descalabro económico, moral y social que no se podía seguir tolerando, por los sagrados intereses de la patria, nos hemos visto obligados a asumir la triste y dolorosa misión que hemos acometido. No tenemos miedo, sabemos la responsabilidad enorme que cargará sobre nuestros hombros, pero tenemos la certeza, la seguridad de que la enorme mayoría del pueblo chileno está con nosotros, está dispuesto a luchar contra el marxismo, está dispuesto a extirparlo hasta las últimas consecuencias.

A retórica de Pinochet é aqui transcrita no original para dar o tom do gesto inescrupuloso que submeteu à sociedade chilena. Procura justificar com argumentos falaciosos a virulência desencadeada ao longo do dia 11 de setembro, ao expressar os “sagrados interesses da pátria” e o apoio “da enorme maioria do povo chileno” como motivos para extirpar o “câncer marxista”. Na verdade, o que não está explícita em sua tenebrosa alocação é o ato golpista que finaliza com sangue e destruição um governo constitucionalmente eleito, encerrando o Estado democrático de direito por 17 anos.

6. Conclusão

Este artigo objetiva rememorar acontecimentos históricos-políticos relativos ao dia da derrocada de Salvador Allende reconstruídos radiofônica-

mente pelo Museo de La Memoria de Chile por meio do programa *Sintoniza con la Memoria* produzido em 2018 e disponível nas redes sociais do Museu, na Rádio Santiago transmitida via web, e também no *youtube*. Demonstramos que esta reconstituição articula-se à comunicação e à memória compreendida como liame da vida social.

Do ponto de vista comunicacional, o rádio expandido, como o que escutamos, faz do áudio uma importante ferramenta que traz a força signíca de elementos sonoros e o pulsar afetual da voz. Entende-se que a voz é voz-memória, pois torna a palavra lembrança capaz aqui de rerepresentar Allende, jornalistas e os militares envolvidos.

O programa *Sintoniza...* também reafirma a importância do rádio para a sociedade chilena tanto na ocasião do golpe militar de 1973, em que o espaço comunicacional estava implicado na politização do espaço público, considerando a pluralidade de emissoras que havia – quanto para os dias de hoje, ao tomar para si o dever de memória graças à rememoração dos discursos que banharam o 11 de setembro. O rádio é capaz de trazer o instante do acontecimento que irrompe o cotidiano e presentifica os tempos da memória na voz viva de muitos sujeitos.

Foi pelas transmissões radiofônicas que a população acompanhou o desenrolar dos acontecimentos políticos. No início da manhã ainda dispõe da narrativa de ambos os lados em luta, o constitucional e o golpista. Com o passar das horas e o gradual silenciamento das vozes em defesa da Unidade Popular, restará as transmissões dos *bandos militares* a cargo de Roberto Guillard. O golpe se institucionaliza nas ondas radiofônicas e prevalece a imposição de uma nova ordem social, política e econômica, escorada no aparato militar.

A vívida descrição do bombardeio do palácio de La Moneda e, no final da tarde, o desolado registro jornalístico no centro de Santiago não representam apenas o fim de Allende e do governo da Unidade Popular, mas o que é mais grave, são



os derradeiros signos de uma vida democrática substituída por um longo período de autoritarismo. Os referenciais audiovisuais aqui utilizados, não apenas o programa *Sintoniza...* mas também o registro documental de Guzmán, *A Batalha do Chile*, apresentado pontualmente com o fito de ilustrar o contexto político, e as transmissões radiofônicas reunidas no programa *Operación Silencio* comportam-se como documentos/monumentos que põem em cena múltiplas camadas da memória.

Assim, a memória é entendida como um processo comunicativo, relacional e de vinculação, neste sentido, como memória social. Destacamos as memórias radiofônicas mobilizadas por *Sintoniza...* que põem em ação uma série de textualidades discursivas e comunicacionais. Estas memórias fazem emergir variados sentidos que brotam da dramaticidade do episódio, por sua vez, potencializados pela força da voz e dos ruídos, silêncios, palavras-lembranças.

A trama sônica e sonora tornada memória social revela-se política. Quando então a memória

é pensada sob a perspectiva comunicacional, social e política mostra-se como um tenso campo de disputas de sentidos, como o que escutamos com a circulação destas vozes e representações sonoras do último dia do socialismo democrático no Chile. Tais memórias põem intensidades diferentes em cada emissão vocal com seus timbres, acentos, tons e narrativas próprias; significam-nas como lugares simbólicos e de luta.

A transformação destes relatos em montagem narrativa radiofônica, documento/monumento da memória e patrimônio histórico das sociedades democráticas, foi possível, repetimos, porque o rádio gozava de grande importância entre os chilenos e algumas emissoras coligadas a Allende testemunharam seu projeto político assim como sua derrocada. A narrativa agora expandida, em um rádio hipermediático, permite a anamnese necessária para codificar o presente à luz da experiência passada. E lembrar faz-se resistência, dever. O golpe ressignificado no horror desta lembrança vocalizada não será tragado pelo esquecimento destrutivo, e, esperamos, não será repetido.

REFERÊNCIAS

ARAVENA, Carla Rivera. *La verdad está en los hechos: una tensión entre objetividad y oposición*. Radio Cooperativa en la dictadura. *Historia*. Nº 41, vol. I, enero-junio 2008: p. 79-98. Disponível em <https://scielo.conicyt.cl/pdf/historia/v41n1/art04.pdf> Acesso em 02 out. 2019.

BADILLA, Ivan. *La vía chilena al socialismo*. Revista Analisis. Santiago de Chile, 3 al 9 de septiembre de 1990. Especial – Pensamiento político, p. 17-20.

BANDEIRA, Luiz A. M. *Fórmula para o caos – a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMPOS, Sergio. *La voz de la radio está llamando*. Madri: Penguin Randon House, 2016.

CAMUS, Maria E. *Allende cruzó las anchas alamedas*. Revista Ana-

lisis. Santiago de Chile, 3 a 9 de septiembre de 1990. Especial – Diecisiete años despues, p. 13-16.

GARCÉS, Joan. *Allende e as armas da política*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1993.

GONDAR, Jô; DODEBAI, Vera (Org.). *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio social – Uma proposta de categorização das modalidades radiofônicas*. In: DEL BIANCO, Nélia (Org.). *O rádio brasileiro na era da convergência*. São Paulo: INTERCOM, 2012, e-book., p. 38 – 67. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/36de5131e92458974c7c409b6742cc2c.pdf> Acesso em 09 out. 2019.

KUNCAR, Susana. *Mil días que estremecieron a Chile*. Revista Análisis. Santiago de Chile, 3 al 9 de septiembre de 1990. Especial – El gobierno de Allende, p. 21-25.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LOPEZ, Débora. *Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*. Covilhã: UBI LabCom, Livros, 2010.

LOTMÁN, Iuri. *La semiosfera*, vol. 1. Madri: Cátedra, 1996.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MÓNCKEBERG, María Olivia. *Los magnatas de la prensa: concentración de los médios de comunicación em Chile*. Barcelona: Editorial Debate, 2009.

NUNES, Mônica R. F. *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo: Annablume, 1999.

NUNES, Mônica R. F. *A memória na mídia: A a evolução dos memes de afeto*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001.

PINO, Miguel; TALAVERA, Arturo (orgs). *Los mil días de Allende*, tomo I y II. Santiago: CEP Centro de Estudios Públicos, 1997.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_histo-

ria Acesso em 11 out. 2019.

SHAFER, Murray. Rádio Radical. In: ZAREMBA, Liliam; BENTES, Ivana. *Rádio nova, constelação da radiofonia contemporânea 2*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1997, p.27 – 39.

VERDUGO, Patricia. *Allende – como la Casa Blanca provoco su muerte*. Santiago de Chile: Catalonia Ltda, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *Presença da voz*. In: *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 9 – 18.

Produtos audiovisuais

A BATALHA DO CHILE. Produtor: Chris Maker, Direção: Patri-
cio Guzmán, Fotografia: Jorge Müller Silva. São Paulo: Vídeo Filmes,
disco 1 – A insurreição da burguesia, p&b, 100 minutos, disco 2 – O
golpe de estado, p&b, 90 minutos, disco 3 – O poder popular, p&b, 82
minutos, áudio em espanhol, legendas em português, 2007.

Documento sonoro

Operación Silencio. Santiago de Chile, radio Tierra, setembro de
2013, transmissão radiofônica, disponível no Youtube, <https://youtu.be/vHe2Q7WS5iA>.

Sintoniza con la memoria. Santiago de Chile. Wolf BCPP/Radio San-
tiago, setembro de 2018, transmissão radiofônica, disponível no You-
tube, <https://youtu.be/irnxPpoIO4A>.

